

Notas sobre o papel da formação humanística na universidade

*Angelo Vitório Cenci¹
Altair Alberto Fávero²*

Resumo

O presente texto aborda a presença da formação humanística na universidade. Diante das profundas e complexas mudanças provocadas pelos “novos tempos”, a temática é abordada à luz das seguintes questões: Que formação humanística faz-se necessário para atender a este novo contexto social? A formação humanística ainda pode encontrar ressonância afirmativa na agenda educacional? Que características deveria ter tal formação? Partindo do conceito de Bildung (formação cultural), o texto defende a posição de que formação implica, necessariamente, um processo dialógico-comunicativo. Para que esse processo aconteça é necessário, primeiramente, compreender o ser humano como um ser inacabado, inconcluso e, em segundo lugar, levar em conta a necessidade de uma formação integral. Nesse contexto, uma formação humanística necessitaria estar efetivamente comprometida com a preparação para a vida em sociedade, perseguindo certas dimensões fundamentais desta, tais como a dignidade pessoal, o reconhecimento do próprio valor como pessoa e do valor dos outros, o desenvolvimento da autonomia pessoal e um projeto de vida coerente e exitoso para si, o respeito aos semelhantes e ao meio ambiente, a construção de uma visão de mundo coerente e crítica, a capacidade de estabelecer vínculos sociais e atribuir significado às ações e às coisas, uma compreensão temporalmente situada de si e da sociedade em que vive, a orientação mediante valores universais, etc. Por fim, o texto apresenta três diferentes níveis da formação humanística, os quais, apesar de distintos, funcionariam simultaneamente e de modo complementar. São eles: a) nível específico; b) nível atitudinal; c) nível institucional.

Palavras-chave: Formação humanística. Formação cultural. Universidade.

Abstract

The present text approaches the presence of the humanistic formation in the university. Before the profound and complex alterations provoked by the “new age”, this theme is approached in the light of the following questions: Which humanistic formation is necessary to fulfill this new social context? Can this humanistic formation still find affirmative resonance at the educational schedule? What features can such formation have? Based on the definition of Bildung (cultural formation), this text defends the position that formation necessarily implies a dialogical communicative process. For this process to take place, it is primarily necessary to comprehend the human being as an unfinished and incomplete being, and, secondly, to take the need of a wholly formation into account. In this context, a humanistic formation would need to be effectively committed to the preparation of

life in the society, pursuing certain crucial dimensions, such as personal dignity, acknowledgement of one's own value as a person and the value of others, development of personal autonomy and a coherent and successful life project for oneself, respect to others and to the environment, construction of a coherent and critical world vision, capacity of establishing social bonds and attribute meaning to actions and things, temporal understanding situated in oneself and of the society in which someone lives, guidance in the midst of universal values, among others. In short, this texts presents three different levels of humanistic formation of which would work simultaneously and complementarily, despite their differences. These levels are, namely, specific levels, attitude level, and institutional level.

Keywords: Humanistic formation. Cultural formation. University.

1

A busca pela formação integral do ser humano constitui-se num marco da cultura ocidental, encontrando no ideal da Paidéia grega e da Bildung alemã dois momentos decisivos. Ambos procuram justificar, cada um ao seu modo, o aspecto do formar-se humano a si mesmo por meio da ação interativa consigo mesmo e com o demais. Com esse intuito a idéia de formação humanística requisitada para sustentar o processo educacional a ser desencadeado na formação inicial e continuada de professores precisa manter vivo o diálogo com aquela tradição. Por outro lado, também precisa reatualizar tal tradição, uma vez que os “novos tempos” nos quais vivemos são marcados por aspectos histórico-sociais e culturais próprios, entre os quais destacamos: a) uma sociedade pós-industrial marcada pelo acirramento da competição desregrada que acentua o individualismo possessivo; b) o incremento gigantesco de novas tecnologias e informações no âmbito da vida educacional e cotidiana das pessoas; c) a pluralidade e diversidade de novas formas de vida, que não encontram mais seu sentido e sua referência num único ponto ou num único lugar; d) por fim, a tensão central que emerge da exigência, por um lado, de formação especializada, capaz de formar um profissional cada vez mais dinâmico e versátil, apto a “solucionar problemas” e, por outro, de formação integral, alicerçada em valores que possam comprometer eticamente a formação especializada com problemas sociais e morais que dizem respeito ao destino da humanidade e do planeta. Diante disso pergunta-se: Que formação humanística faz-se necessário para atender a este novo contexto social? A formação humanística ainda pode encontrar ressonância afirmativa na agenda educacional? Que características deveria ter tal formação?

2

Falar em formação humanística implica, ao menos, duas coisas. Primeiramente, é preciso explicitar o que se entende por formação. Junto a isso, há que se esclarecer em que sentido é possível uma formação que possa ser denominada de “humanística” e o que a distingue de uma suposta formação não humanística. De certa forma, uma formação não humanística seria uma contradição entre termos.

Toda formação, no sentido estrito do termo, teria de incidir sobre o humano e a partir de feições humanas. Formação diz respeito a um tipo de relação entre sujeitos. A rigor, não haveria sentido em falar-se de formação relativamente a objetos, nem haveria sentido em formar sujeitos segundo métodos próprios à relação sujeito-objeto³. A transposição do modelo sujeito-objeto para a esfera da formação humana é, no entanto, possível e é justamente o fator que coloca em questão a idéia de uma formação humanística. Uma “formação” nesses moldes – melhor seria aqui falar em instrução ou, mesmo, em instrumentalização, por ser algo mais específico ou muito mais limitado que formação – assume feições distintas que a humanística. Ela torna possível converter a relação entre sujeitos numa relação levada adiante nos moldes da relação sujeito-objeto, típica da relação do homem com as coisas. Esse tipo de relação, quando se converte em educação, resulta na antípoda da formação humanística, ou seja, educação tecnicista, instrumentalizadora, etc.

3

O conceito de formação, embora remonte aos gregos, é profundamente devedor da *Bildung* alemã. Essa tradição, a qual exerceu forte influência sobre as concepções educativas modernas, entende por formação algo processual que envolve o conjunto das possibilidades de desenvolvimento do ser humano e possui uma forte conotação pedagógica. Em sentido geral, *Bildung* significa cultura ou formação cultural. Porém, como observa Berman, em razão do seu extraordinário espectro semântico, remete a vários outros sentidos, tais como “Bild, imagem, *Einbildungskraft*, imaginação, *Ausbildung*, desenvolvimento, *Bildsamkeit*, flexibilidade ou plasticidade, *Vorbild*, modelo, *Nachbild*, cópia, e *Urbild*, arquétipo⁴”. *Bildung* é utilizada em referência ao “grau de ‘formação’ de um indivíduo, um povo, uma língua, uma arte [...].Sobretudo [...] tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como processo”: Trata-se, como já afirmado acima, do processo de o sujeito formar-se a si mesmo pela interação consigo mesmo e com os outros. Nesse sentido, formação implicaria, necessariamente, um processo dialógico-comunicativo.

4

O primeiro sentido pedagógico que se depreende do conceito formação é, pois, a ideia de processo, compreensão esta que demanda uma concepção de ser humano como ser incompleto, em permanente formação. O segundo sentido é a ideia de uma formação integral do ser humano, visto que não há formação humanística autêntica se for realizada de modo fragmentado ou, mesmo, instrumentalizando o sujeito humano. Embora todo ser humano nasça numa determinada sociedade, não nasce preparado para viver em sociedade. Quem o prepara para tal é o processo educativo ou formativo e não há nenhuma certeza a priori acerca do êxito de tal intento. Uma formação humanística teria de estar efetivamente comprometida com a preparação para a vida em sociedade, perseguindo certas dimensões fundamentais desta, tais como a dignidade pessoal, o reconhecimento do próprio

valor como pessoa e do valor dos outros, o desenvolvimento da autonomia pessoal e um projeto de vida coerente e exitoso para si, o respeito aos semelhantes e ao meio ambiente, a construção de uma visão de mundo coerente e crítica, a capacidade de estabelecer vínculos sociais e de atribuir significado às ações e às coisas, uma compreensão temporalmente situada de si e da sociedade em que vive, a orientação mediante valores universais, etc.

5

Essas considerações preliminares remetem à pergunta acerca de que razões justificam a preocupação com a formação humanística na universidade e na formação continuada de professores. Atualmente, várias razões levam instituições universitárias a perderem de vista a dimensão humanística na formação de seus profissionais. Dentre essas estão o aprofundamento inconsciente da especialização dos saberes e a tendência à sua fragmentação, a formação estritamente técnica dos profissionais que atuam nas instituições, as demandas de uma formação mais breve e tecnicista dos profissionais, a mentalidade imediatista que reina no cenário econômico e social e que penetrou fortemente nas instituições de ensino, etc. Dentre as consequências advindas dessa situação estão algumas políticas educacionais relativas ao ensino superior implementadas na última década no Brasil, focando a redução do tempo necessário para a formação superior e uma significativa e preocupante queda na qualidade dos cursos de graduação.

6

Se se conceber que, diferentemente, a universidade não pode perder de vista a formação humanística em razão de sua própria natureza e da exigência de universalidade do saber acadêmico, colocam-se algumas questões, tais como: Quais os objetivos e qual é o espaço que a formação humanística deve ocupar nos cursos da universidade, sobretudo nas licenciaturas? Que aspectos humanísticos podem ou devem ser contemplados na formação do professor e na formação dos profissionais em geral? Essas preocupações remetem, de forma direta ou indireta, para uma concepção de ser humano, de valores, de sociedade, de conhecimento, de cultura, etc.

7

O que marca o ser humano é sua capacidade de atribuir significado às coisas e às ações. O homem é um ser capaz de simbolizar e a linguagem desempenha um papel fundamental para tal, permitindo-lhe compreender-se e compreender o mundo em que vive: as pessoas, as instituições, o modo de estruturação da sociedade, etc. Dentre as tarefas principais da formação humanística na universidade estariam as de auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua autonomia pessoal e intelectual; compreender e aprofundar o compromisso com sua formação e com sua futura profissão; respeitar a dignidade do ser humano e comprometer-se

com os valores de uma sociedade pluralista e democrática. Essas exigências contrastam com uma sociedade marcada por uma lógica consumista, individualista, violenta e impregnada pelo éthos da corrupção, bem traduzido na figura do “jeitinho brasileiro”. Em tempos marcados por obscurantismos de distintas espécies, por relações autoritárias e por uma certa anomia social no campo moral; pela formação apressada e por resultados imediatos (e duvidosos) no âmbito educativo; pelo relativismo moral e pela dificuldade do exercício de valores universais, pluralistas e democráticos, uma formação humanística consonante com os atuais desafios colocados pela formação acadêmica poderia constituir-se num importante diferencial para a universidade como instituição social.

8

A formação humanística na universidade diz respeito, ainda, à inserção social do profissional. Toda profissão é uma prestação de serviço à sociedade. A formação humanística está associada à ideia de que um profissional precisa ser preparado para dar conta da função social de sua profissão. Por essa razão, é fundamental auxiliá-lo no período de sua formação para que desenvolva uma postura eticamente responsável e comprometida com sua profissão; que tenha uma compreensão crítica e aprofundada da sociedade em que vive e onde atuará profissionalmente; que saiba dimensionar as especificidades, a natureza e as finalidades do conhecimento acadêmico; que tenha um compromisso social e político com os problemas que precisam ser coletivamente enfrentados. Toda profissão, enquanto prestação de serviço específica à sociedade, precisa ter como horizonte, além da sobrevivência e realização pessoal do profissional, o bem comum. Por essa razão, possui uma função pública, não apenas privada. A formação profissional e técnico-científica sem formação humanística pode facilmente dar margem à indigência cultural, à incapacidade para compreender a si, os outros e o mundo em que vive, bem como a não-percepção clara do sentido de sua própria profissão. Um profissional sem abertura para o mundo, sem sensibilidade moral, estética e social, não possui estatuto pleno de cidadania. De um ponto de vista humanístico, a disjuntiva “formar profissionais ou formar cidadãos” tem de ser necessariamente falsa.

9

A formação humanística na universidade passa por, entre outros aspectos, disciplinas de sociologia, ética, filosofia, literatura, psicologia, etc. Implica uma postura do curso de graduação – no caso, a licenciatura –, em relação à formação do aluno como ser humano, e uma concepção de currículo que não se resuma à composição de uma grade curricular em termos de um aglomerado de disciplinas. Além disso, um núcleo específico de formação humanística nos currículos de graduação auxiliaria no desenvolvimento de uma formação geral e crítica. A necessidade de uma formação de caráter amplo expressa-se no próprio peso que os conhecimentos gerais adquirem a partir da implantação do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (enade). Essa mesma linha de pensamento é

corroborada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (PCNs), pelas Diretrizes Curriculares dos cursos de graduação e pelo Programa Ética e Cidadania proposto pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).⁵

10

Há, porém, alguns problemas que precisam ser superados no âmbito acadêmico para que a formação humanística seja levada adiante de modo efetivo. (a) Tornou-se quase um lugar-comum falar-se em formação humanística de uma forma “romântica” e saudosista, ou seja, como algo que existia num passado idealizado e distante, desejável de ser retomada, mas, ao mesmo tempo, tão idílico quanto impossível. A formação humanística estaria eternamente – usando o mote proustiano – à la recherche du temps perdue. Essa retórica e esse modo de entendê-la torna-a extemporânea, por isso idealizada e estéril. Essa posição se traduz simplesmente como uma forma de escapismo. (b) Também há, a esse respeito, uma visão tradicional e conservadora, que se orienta por uma idéia de valores, de homem ou de natureza humana fixa. De acordo com esta visão, a formação humanística se limitaria a ensinar (repassar) aos educandos costumes e valores tradicionais (“os bons tempos em que havia disciplina e se rezava o padre-nosso antes das aulas”), bem como uma cultura geral (enciclopédica) desvinculada de suas vivências e necessidades. Essa visão corre frequentemente o risco de assumir uma feição rançosa e autoritária, a qual não contribui para uma concepção de formação humanística que esteja em consonância com as necessidades atuais dos cursos de graduação. (c) Por vezes, deposita-se uma expectativa exagerada em relação às disciplinas humanísticas, imaginando-se que, com um certo número de créditos poderiam assegurar uma mudança de comportamento ou da visão dos alunos sobre si próprios, sobre a sociedade ou sobre sua própria profissão. Esse modo de entender o processo pedagógico não consegue vislumbrar um de seus fatores fundamentais, que é a impossibilidade de se predeterminar o seu curso em razão de sua própria natureza aberta. (d) Um outro problema é a diluição de supostos conteúdos de formação humanística dentro de disciplinas específicas do currículo dos cursos. Muitos coordenadores de curso têm utilizado abusivamente a retórica de que a formação humanística têm um caráter transversal e que, portanto, não haveria a necessidade de professores específicos para ministrar tais disciplinas. É evidente que é importante que os professores do curso trabalhem articulados à perspectiva humanística. No entanto, quando tudo vira formação humanística ou quando ela é conduzida ou apropriada por pessoas despreparadas ou, ainda, quando se suprime um espaço próprio e sistemático de reflexão sobre esta dimensão, não há mais formação humanística alguma: ela fica completamente descaracterizada. (e) Por fim, há que se evitar o isolamento de conteúdos ou disciplinas de formação humanística dentro dos currículos. A formação humanística, para ser efetiva, tem de estar integrada organicamente a cada currículo. Do contrário, vira um arranjo de disciplinas isoladas – por vezes confusas e estranhas – dentro da grade curricular dos cursos. Sem dúvida, há conteúdos humanísticos específicos que podem ser levados à sala de aula, o que significa postular a necessidade de disciplinas próprias para dar conta desta dimensão, as quais possuem certas especificidades, e, ao mesmo

tempo, entrosá-las com os currículos dos cursos onde são ministradas. Do contrário, ficam isoladas e sua contribuição para a formação dos alunos fica limitada. Nesse caso, corre-se o risco de a formação humanística ser reduzida a um aglomerado de informações humanísticas, levadas adiante de forma linear, fragmentária e desconectada da formação específica dos alunos.

11

A formação humanística do licenciando deve ser fomentada não apenas com conteúdos específicos, mas também mediante práticas pedagógicas significativas durante a graduação, essas guiadas pelos professores e pelo ambiente acadêmico. Não pode ter somente cunho informativo ou de repasse de conhecimentos, mas tem de se traduzir também numa postura de vida e profissional. Nesse sentido, poder-se-ia falar em diferentes níveis da formação humanística, os quais, apesar de distintos, funcionariam simultaneamente e de modo complementar: (a) nível específico, que envolveria conhecimentos de filosofia, sociologia, ética, literatura, estética, psicologia, etc; (b) nível atitudinal, que seria desenvolvido mediante a postura que o licenciando vai construindo na graduação através da convivência com professores e colegas, práticas planejadas e orientadas pelo curso no sentido da formação humanística, experiências acadêmicas pessoal e humanamente significativas, prática sociais em que os conhecimentos aprendidos seriam estendidos à sociedade, etc; (c) nível institucional, que se trata do ambiente constituído dentro do curso de graduação e da instituição, envolvendo o estímulo aos estudos, ética e comprometimento com a prática profissional, clima de co-responsabilidade, respeito, diálogo, pesquisa, formação permanente, etc. Neste nível pesam muito a postura e a qualificação dos professores do curso.

Referências bibliográficas

BECKER, Fernando. A epistemologia do professor: o cotidiano da escola. Petrópolis: Vozes, 1993.

BRASIL. Secretaria Especial do Direitos Humanos: Ministério da educação, SEIF, SEMTEC, SEED. Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade. Brasília, 2003.

SUAREZ, Rosana. Nota sobre o conceito de Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X200500020005>. Acesso em: 20 jun. 2007.

Notas de fim

1. Doutor em Filosofia pela Unicamp/SP. Professor do curso de Filosofia e do

Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF/RS.

2. Doutor em Educação pela UFRGS. Professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UPF/RS.
3. Não entramos aqui na discussão epistêmica das teorias pedagógicas que criticam certas posturas educacionais que tratam os alunos como objetos. Em seu livro *A epistemologia do professor*, Fernando Becker teoriza as diferentes concepções epistemológicas que perpassam as práticas educacionais dos professores. Em sua investigação e análise, “sob o ponto de vista das relações pedagógicas que se constituem na prática de cada sala de aula, podemos dizer que um movimento de polarização ‘espontâneo’, aí verificado, tende a valorizar: ou (a) o professor, ou (b) o aluno, ou (c) as relações entre professor e aluno” (BECKER, 1993, p.9). Para Becker, essa “polarização espontânea” denuncia “determinadas concepções pedagógicas que, traduzidas didaticamente, fazem avançar, retardar ou até impedir o processo de construção do conhecimento” (p.9).
4. BERMAN apud SUAREZ In: Nota sobre o conceito de Bildung (formação cultural). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2005000200005>. Acesso em: 20 jun. 2007.
5. BRASIL. Secretaria Especial do Direitos Humanos: Ministério da Educação, SEIF, SEMTEC, SEED. *Ética e cidadania: construindo valores na escola e na sociedade*. Brasília, 2003.